

ISSN 1981-1381

GEOGRAFIA, ESPAÇO E LAZER¹

GEOGRAPHY, SPACE AND LEISURE

Rodrigo Blasckesi Fernandes² e Elsbeth Leia Spode Becker³

RESUMO

O lazer é uma atividade humana importante e fundamental no contexto da sociedade contemporânea. Historicamente, as atividades de lazer estiveram ligadas ao tempo livre fora do trabalho com a finalidade de gerar satisfação ao indivíduo. O trabalho humano sofreu profundas mudanças decorrentes das relações de mercado e de produção no sistema capitalista e, nesse contexto, os espaços e as formas de lazer também sofreram transformações. No presente estudo, objetivou-se analisar o lazer na dimensão teórica e evidenciar sua relação com o espaço geográfico e com a Geografia.

Palavras-chave: trabalho, espaço geográfico.

ABSTRACT

Leisure is an important and fundamental human activity in the context of contemporary society. Historically, leisure activities have always been linked to free time aiming to generate satisfaction for the individual. Human work has undergone profound changes due to market relations and production in the capitalist system and in this context, entertainment spaces and forms have also been transformed. The present study aimed to analyze the theoretical dimension of leisure and to show its relation to geographic space and Geography.

Keywords: work, geographic space.

¹ Trabalho Final de Graduação - UNIFRA.

² Acadêmico do Curso de Geografia - UNIFRA.

³ Orientadora - UNIFRA.

INTRODUÇÃO

O lazer consiste em um conjunto de ocupações que o indivíduo pode se entregar de livre vontade, para repousar, divertir-se e entreter-se. Ele também serve para desenvolver a informação ou formação desinteressada, a participação social voluntária ou a livre capacidade criadora, do embaraço das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 1976).

A palavra lazer deriva do latim *licere* e significa ser lícito, ser permitido. Define-se como uma forma de utilizar o tempo dedicando-se a uma atividade que se goste de fazer, o que não significa que seja sempre a mesma. Essa atividade pode ser, como, por exemplo, jogos, teatros, esportes, turismo, ócio, leituras, música e passeios.

O lazer, em suas diferentes formas, alcançou importância na sociedade contemporânea e atua nas diferentes áreas do conhecimento, entre elas, Geografia, Economia, Saúde e Turismo. As diferentes formas de lazer ganham mais adeptos e, cada vez mais, espaços são criados e recriados para suprir as demandas do mercado e atender às necessidades do consumidor. No atual contexto, o lazer materializa-se como mercadoria e obedece às regras do modelo *just-in-time*, enquanto modelo dominante.

A atividade do lazer decorre do tempo livre e ele está atrelado ao tempo destinado às relações de trabalho, as quais se tornam mais proeminentes nas sociedades modernas e contemporâneas, nas quais o sistema capitalista está fortemente vinculado ao trabalho. Nesse sentido, o sistema capitalista, durante seu processo de evolução, foi modernizando as relações de produção e o resultado foi a exclusão em massa de trabalhadores do processo produtivo. Isso aumentou o desemprego. Por outro lado, há a tendência mundial da redução da jornada de trabalho, como forma de minimizar os efeitos desse processo. Assim, não importa a maneira, pode-se constatar que o tempo disponível fora do trabalho está, de certa forma, aumentando para muitas pessoas.

Paradoxalmente, para outras, a necessidade de manter outra atividade tem tornado esse tempo disponível muito mais restrito. As consequências de tais alterações refletem no espaço geográfico e trazem mudanças significativas nas relações dos homens entre si e nas suas relações com a natureza. Segundo Milton Santos (1987), na contemporaneidade, natureza e sociedade fundem-se. Além disso, define o espaço geográfico como sendo o meio natural modificado pela sociedade.

O certo é que a necessidade do lazer aumenta nos dias de hoje, uma vez que o indivíduo vive imerso em um mundo de obrigações em que a ênfase é toda no trabalho. Acontece que, para a maioria da população, o trabalho não

oferece satisfação, sendo meramente um instrumento para a obtenção dos recursos básicos para a sobrevivência. É na prática do lazer, no entanto, que pode ocorrer o desenvolvimento pleno do indivíduo, enquanto ser humano e como cidadão.

Em relação ao espaço para o lazer, observa-se uma série de descompassos. O crescimento das cidades nos países de economia dependente é relativamente recente e não foi acompanhado pela oferta de serviços, gerando desníveis de ocupação do espaço e diferenciando as áreas centrais, concentradoras de benefícios, da periferia, desprovida de recursos básicos como o saneamento, o que se dirá, então, de áreas de lazer. Essa constatação recorrente remete ao tema deste trabalho, que consiste em relacionar o espaço geográfico com o lazer. Para encaminhar as reflexões propostas, o fenômeno lazer é concebido como expressão das relações sociais e materialização territorial que engendra no processo de produção do espaço. Buscou-se enfatizar uma breve abordagem conceitual de lazer como fenômeno da sociedade moderna, a contextualização histórica do lazer, os elementos do espaço e as categorias de análise propostas por Milton Santos (1987).

BREVE ABORDAGEM CONCEITUAL DO LAZER COMO FENÔMENO DA SOCIEDADE MODERNA

Atualmente, as constantes mudanças que se verificam na sociedade moderna ocidental, evidenciadas sobretudo nos ramos econômicos e sociais, devido predominantemente às inovações tecnológicas e organizacionais, estão desencadeando profundas mudanças na atividade produtiva. Essas mudanças já aconteceram em outras épocas, porém nunca com tanta rapidez e magnitude como nos dias atuais (SADER, 2000).

Um dos primeiros reflexos dessas transformações ocorre no mercado de trabalho. A crescente implementação de recursos tecnológicos que, por um lado, possibilita uma nova dimensão à produção, acaba por redefinir as relações do homem com o trabalho, uma vez que os empregos são, em grande parte, reduzidos ou até mesmo extintos, liberando grande parcela de trabalhadores do processo produtivo. Não é a primeira vez que novas tecnologias causam um aumento na produção sem incrementar mão de obra, pois a libera em contingentes cada vez maiores, porém isso nunca havia acontecido com tanta amplitude. Além disso, a menor necessidade de trabalho vem acompanhada pela exigência de maior conhecimento e qualificação. Esse contexto configura o desemprego estrutural que, geralmente, não é proveniente de uma crise econômica, uma vez causado pela introdução de novas tecnologias, como a robótica e a informática.

Constata-se, assim, que a exigência de trabalho humano, gradativamente, diminui por máquinas e robôs. Alternativas contra esse fenômeno são, ainda que de forma paliativa, implementadas. Uma das primeiras a ser posta em prática foi a redução da jornada de trabalho que, historicamente, foi uma das primeiras reivindicações dos sindicatos trabalhistas. Essa luta percorreu todo o século XX, chegando aos dias atuais, tanto que hoje o lema das centrais sindicais da Europa é: “trabalhar menos para que trabalhem todos” (SADER, 2000, p. 193).

O que resulta, então, de todas as mudanças ocorridas no processo de produção capitalista e, por consequência, no mercado de trabalho? O desemprego e a progressiva redução da jornada de trabalho, ou seja, o aumento do tempo disponível, não importando, no momento, discutir as diferenças nas causas que o geraram.

Diz-se tempo livre para diferenciá-lo do tempo “preso”, ocupado, obrigado. Tempo livre compreende aquela parcela de tempo ocupado com atividades específicas, a partir de uma decisão tomada por livre iniciativa, não excluindo os fatores que a condicionam, como: período de tempo disponível, preços, distância a ser percorrida, preferências pessoais (MARCELLINO, 2000). Mas o que fazer desse tempo livre? Tempo livre é igual a lazer?

Para o presente estudo, é adequada a definição de lazer do sociólogo francês Joffre Dumazedier (apud LEITE, 1995, p. 16):

Lazer é o conjunto de ocupações as quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se, entreter-se, ou ainda para desenvolver a sua formação ou informação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após liberar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Conforme essa definição, lazer está associado ao tempo disponível após a execução de atividades habituais como o trabalho, por exemplo. Uma interessante análise é feita por Marcellino (2000) que, ao recorrer à vasta bibliografia, argumenta que o entendimento do lazer passa fundamentalmente pelos aspectos tempo e atitude e vai mais além ao acreditar que tempo e atitude perpassam pelos condicionantes sociais e históricos, de cada época e do espaço geográfico, entendendo o ser humano como autor e sujeito do mundo em que está inserido. Considerando essa linha de entendimento, elaborou-se uma breve

abordagem da trajetória histórica do lazer como fenômeno social nas atividades e na dimensão humana.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO FENÔMENO LAZER

Em épocas primitivas, as atividades humanas eram movidas unicamente pelo instinto de sobrevivência. Para Santos (1982), as pessoas viviam o seu tempo de forma contínua e todas as atividades estavam ligadas de alguma forma à ideia de necessidade. Inclusive as festividades e jogos eram submetidos a cultos de ordem religiosa, caracterizando o seu sentido obrigatório. Constata-se, assim, que o binômio trabalho x lazer não era caracterizado. A esse respeito, Santos (1982, p. 18) afirma:

Há familiaridade dos povos primitivos com seu espaço. Sua percepção do espaço confunde-se com o espaço social necessário à reprodução de sua vida. Quando a economia se complica, uma dimensão espacial mais ampla se impõe, e o espaço de trabalho é cada vez menos suficiente para responder às necessidades globais do indivíduo.

Assim entendido, nas sociedades pré-urbanas não havia a separação entre os vários momentos da vida do homem. A produção era ligada ao núcleo familiar e o trabalho desenvolvia-se com conversas, cantos, ou seja, acompanhava o ritmo do ser humano (SADER, 2000).

Séculos mais tarde, na Grécia clássica, pensadores como Aristóteles já teorizavam a respeito do uso do tempo livre. Os gregos viam nesse espaço a oportunidade para o exercício de atividades contemplativas, reflexões filosóficas e outras ocupações ligadas ao desenvolvimento da mente.

Os romanos acompanharam o pensamento grego, mas devido à sua índole imperialista, eles entendiam que o tempo livre não deveria ficar limitado a cruzar os braços, já que isso cessaria as atividades do ganho material, indispensáveis para o destino da pátria, e o uso desse tempo livre deveria concorrer para o bem comum. Essa ideia de benefício coletivo também constava das regras sociais de alguns povos pré-colombianos, como nas sociedades do Império Inca. No período de intervalo das atividades agrícolas, a população era obrigada a trabalhar na construção de estradas, canais de irrigação e outras obras de infraestrutura, que eram de interesse público, em um sistema chamado de *mita*⁴.

⁴GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

É importante observar que, na Grécia e em Roma, essa visão sobre o tempo fora do trabalho referia-se apenas aos cidadãos; logo, escravos e servos, a maioria da população, era excluída. Assim como no período feudal, no qual a nobreza e o clero viviam seu tempo livre às custas do trabalho do restante da população.

Desse modo, o lazer moderno surge junto à primeira Revolução Industrial no século XVIII e com a formalização do trabalho, gerando uma cisão entre a vida pessoal e o tempo laborativo. Mariano Enguita (apud CARMO, 1998, p. 68), comenta:

É certo que estamos rodeados de bens que nossos ancestrais não podiam imaginar. Possuímos automóveis que permitem deslocar-nos mais rapidamente para o trabalho ou que saímos da cidade para desfrutar da natureza, mas nossos antepassados, sem necessidades de tais máquinas, conseguiam facilmente ambas as coisas, pois trabalhavam em suas casas, ou perto delas e estavam na natureza ou chegavam até ela sem esforço, com suas pernas, sem tensões, engarrafamentos e sem acidentes. É verdade que não chegavam tão longe quanto nós, mas não precisavam disto.

Cabe ressaltar que o capitalismo industrial foi o responsável pela moderna divisão do trabalho, o que, em última análise, permite afirmar que fomentou a divisão da sociedade em grupos socioeconômicos e interferiu nas atividades para as diferentes classes. Autores como Padovani (2003) consideram que a necessidade do lazer cresce com a implementação do fenômeno urbano e da sociedade moderna, na qual os ritmos se aceleram e há a sensação de que o próprio tempo passa mais rápido. Com todas as atribulações da vida urbana, o lazer pode ser considerado uma “válvula de escape” a todo esse processo.

Enquanto fenômeno econômico e social, o lazer assumiu proporções que levaram vários teóricos a desenvolverem questões que aproximem um maior entendimento. Geógrafos passam a conceber o lazer como produto social a ser consumido e como produtor de espaços valorizados pelo trabalho humano. Para discutir o funcionamento dessa engrenagem, em uma dinâmica constante de ações e interações recíprocas, que produzem formas distintas no espaço e, por consequência, o acesso também é diferenciado, que se buscou apreender

o fenômeno lazer, no âmbito da Geografia, a partir dos elementos do espaço discutidos por Milton Santos (1987).

ELEMENTOS E CATEGORIAS DE ANÁLISE DO ESPAÇO DO LAZER

Para entender os elementos do espaço do lazer, é fundamental insistir no fenômeno do lazer em toda a sua complexidade, expressa pelas relações sociais e pela materialização territorial que decorre do processo de produção do espaço, especialmente no período capitalista.

Segundo Santos (1987, p. 90), é necessário entender o espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e ações. Ainda, ele deve ser entendido como um produto social em permanente processo de transformação. Assim, tanto objetos como ações não podem ser entendidos no espaço se não forem tomados em conjunto.

Para Santos (1987, p. 6),

os elementos que constituem o espaço são: os homens, as firmas, as instituições, o meio ecológico e as infraestruturas. [...] Estes elementos se entrelaçam, fundem-se e se confundem, contêm-se uns nos outros e são por todos contidos, produzindo a totalidade.

Os homens, como seres individuais e sociais, correspondem à demanda do lazer e a todos os indivíduos responsáveis pelo funcionamento de outros elementos, como as firmas e as instituições. Essa demanda do lazer é essencialmente urbana e consome os mais diferenciados espaços.

As firmas, segundo Santos (1987, p. 6), “têm função essencial na produção de bens, serviços e ideias”. No que tange ao lazer, correspondem aos serviços oferecidos em shoppings centers, cinemas, shows, casas noturnas, bares, clubes e praças.

O capitalismo, em seu estágio atual, unifica mercados e espaços, definindo hierarquias, que determinam relações de dominação e, conseqüentemente, de subordinação, o que gera desigualdades na apropriação do espaço. Para Castrogiovanni (2000), com o processo de globalização, o espaço se manifesta cada vez mais como um produto, fundamental para a expansão do capital. Ele passa a ser entendido como uma mercadoria e, portanto, participa das trocas. Em relação ao lazer, o espaço possui um valor relativo, que obedece às tendências de mercado, sendo apropriado ou desapropriado de acordo com o interesse do capital.

As instituições correspondem aos órgãos encarregados de organizar, subsidiar e gerenciar as atividades de lazer em nível governamental, não importando os condicionantes que influenciam tais decisões.

Na Constituição Brasileira, o lazer consta no título II, capítulo II, no artigo 6º, como um dos direitos sociais. O termo aparece em outras ocasiões, mas só é tratado quanto à formulação de ações, no título VIII, capítulo III, seção III, no artigo 217º, §3: “O poder público incentivará a prática do lazer, como forma de promoção social”.

De acordo com Santos (1987, p. 6), “o meio ecológico é o conjunto de complexos territoriais que constituem a base física do trabalho humano”. Sobre o meio ecológico, desenvolve-se a ação do homem, que uma vez materializado no espaço, define o que Santos (1987, p. 6) chamou de infraestruturas, que, no lazer, corresponderiam ao espaço de praças, parques, clubes e shoppings centers.

Assim entendido, o meio ecológico abrange muito mais que somente os objetos naturais e não é só o receptáculo das ações humanas, mas é, também, delas resultante, durante o processo histórico.

As relações que envolvem a sociedade e o espaço transformam o espaço urbano, dando-lhe contornos próprios, especialmente em países de economia dependente, como o Brasil, em que o processo de urbanização aconteceu de forma desordenada. Dentro dessa perspectiva, o espaço para o lazer reproduz a lógica do sistema capitalista, sendo (des)apropriado de acordo com interesses econômicos.

A partir do que foi exposto sobre o entendimento do espaço geográfico à luz de Milton Santos (1987), considerou-se o espaço do lazer com a intenção de abordá-lo como um espaço de natureza urbana. É certo que há casos desencadeados, especialmente pelo turismo moderno, que podem fugir a essa caracterização. É o caso de atividades como o ecoturismo, o turismo rural e o agroturismo que tem como apelo principal os espaços naturais e rurais, mas que acabam vinculados ao urbano, pois se constituem como uma fuga das vicissitudes da rotina da vida das cidades. Também o meio ecológico é responsável pela ocorrência de paisagens notáveis, muito valorizadas no ideologismo do turismo ecológico (lazer ecológico), pretendidas em unidades de conservação, como estratégias de proteção ao patrimônio natural, por significarem um apelo comercial cada vez mais visado na sociedade pós-moderna.

Neste artigo, porém, compreendeu-se o espaço do lazer como urbano, produzido historicamente por uma economia colonialista dependente, um imperialismo dominante e uma globalização excludente.

No Brasil, constata-se, predominantemente, a centralização dos equipamentos específicos⁵ ou sua localização em espaços segmentados. Segundo Marcellino (2000, p. 25),

⁵ Para Marcellino (2000), são locais destinados exclusivamente para a prática do lazer. Ex: praças, parques.

essa situação é agravada, sobretudo, se considerarmos que cada vez mais as camadas menos favorecidas da população vêm sendo expulsas para a periferia, e, portanto, afastadas dos serviços e equipamentos específicos; justamente aquelas pessoas que não podem contar com as mínimas condições para a prática do lazer em suas residências e para quem o transporte adicional, além de economicamente inviável, é muito desgastante.

O processo de urbanização dos países de economia dependente, caso do Brasil, contribui muito para tal segregação. A ação desigual do Estado brasileiro foi agravada pela atuação do capital privado que age em setores específicos destinados ao lazer e multiplica a exclusão espacial à maioria das pessoas, afetando-as das mais diversas formas, sobretudo em sua qualidade de vida. Em relação a isso, Figueiredo e Guidugli (2003) advertem que a qualidade de vida não se traduz apenas no atendimento às chamadas necessidades básicas, concorrendo, também, para que ela se efetive, aspectos de cunho subjetivo. Nesse sentido, enquadra-se o lazer, enquanto instrumento de liberdade, pois, segundo sua definição, consiste em uma prática desprovida de qualquer tipo de condicionamento, trazendo, por isso, satisfação ao indivíduo.

Assim pensando, acredita-se que a evolução do conhecimento geográfico ocorre condicionada ao funcionamento da sociedade contemporânea que, necessariamente, está atrelada à magnitude das cifras econômicas do capitalismo. Contudo, se o componente principal deste estudo é o lazer e como ele vem sendo materializado sobre o espaço geográfico, um papel não menos importante é desempenhado pelo contexto social, ou seja, a sociedade.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, procurou-se focalizar o lazer a fim de abordá-lo como um espaço de natureza social em ambiente urbano e, portanto, um objeto de estudo da Geografia. O espaço do lazer é essencialmente fluido, porque, por natureza, implica mobilidade e deslocamento, e é nesse contexto que ocorre tanto a produção quanto o consumo desses espaços. O que se observa é uma produção do espaço heterogênea, porém todos os elementos agem e interagem reciprocamente, fundem-se e se confundem, formando uma totalidade. A demanda, por sua vez, também é heterogênea, principalmente, segundo os estratos de renda, porém também funciona de forma sincrônica, supondo o movimento das categorias de análise do espaço.

Acredita-se, também, que o lazer e sua abordagem como objeto de estudo na Geografia é um fenômeno que constitui um tema de estudo, no qual se pode ascender a um discurso geográfico unitário, contribuindo para superar a propalada dicotomia sociedade x natureza.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo: Saraiva, 1996. 292 p.

CARMO, Paulo Sérgio. **O trabalho na economia global**. São Paulo: Moderna, 1998. 72 p.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. **Turismo urbano**. São Paulo: Contexto, 2000. 2. ed. 111 p.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FIGUEIREDO, Vilma; GUIDUGLI, Odeibler. População e qualidade de vida urbana em Santa Maria (RS): estudo de caso – Bairro Urlândia. In: GERARDI, Lúcia Helena. **Ambientes: estudos de Geografia**. Rio Claro: UNESP/ AGETEO, 2003. p. 89-103.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. 44. ed. 307 p.

LEITE, Celso. **O século do lazer**. São Paulo: LTR, 1995. 87 p.

MARCELLINO, Nélon. **Estudos do lazer**. Campinas: Autores associados, 2000. 2. ed. 96 p.

PADOVANI, Eliane. A cidade: o espaço, o tempo e o lazer. In: GERARDI, Lúcia Helena. **Ambientes: estudos de Geografia**. Rio Claro: UNESP/ AGETEO, 2003. p. 171-184.

SADER, Emir. Trabalho, desemprego e tempo livre. In: SESC. **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo: SESC/WLRA, 2000. p. 191-200.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1987. 88 p.

_____. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982. 61 p.